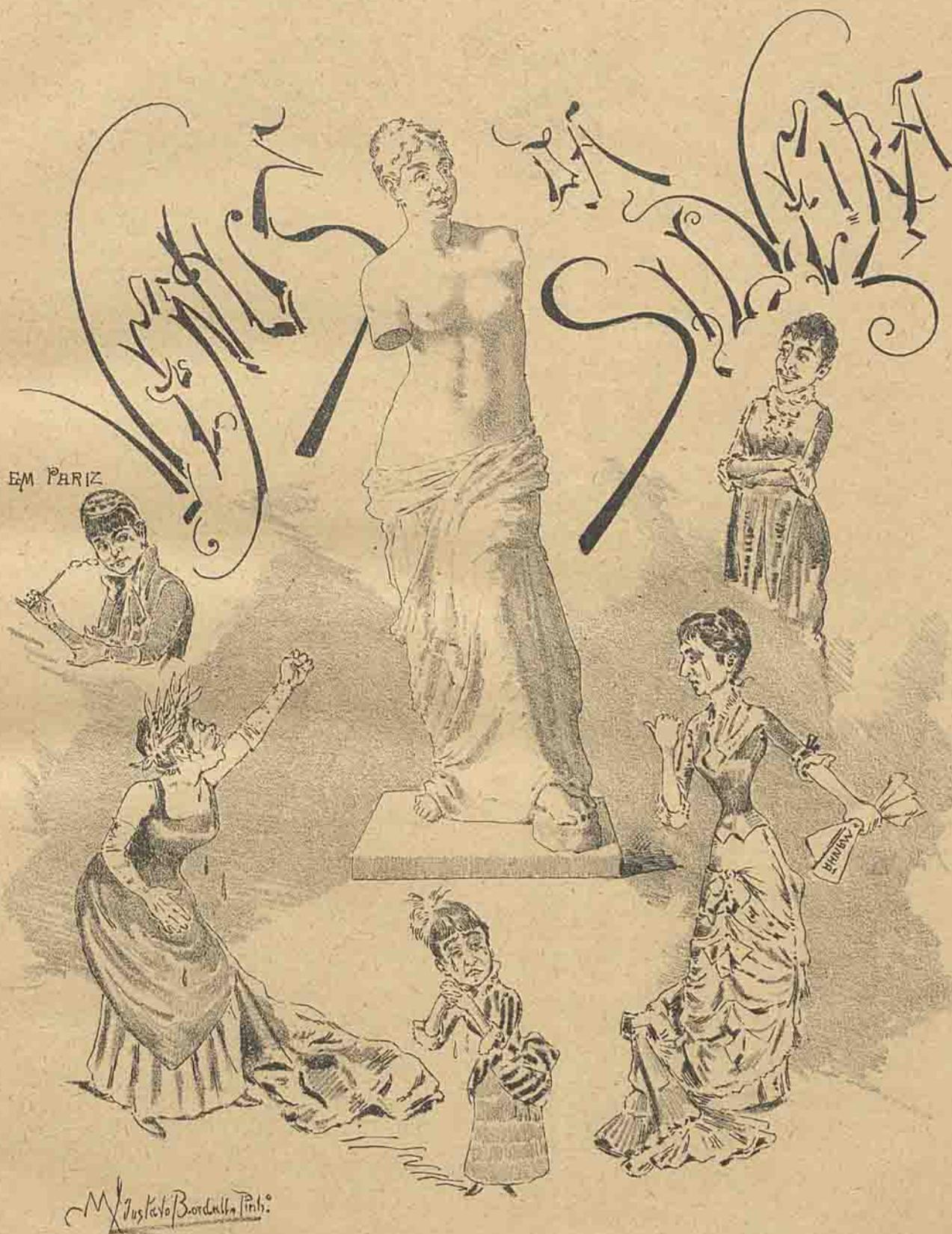


# A MAIS FORMOSA



Eil-a! a que a eleição proclamou mais formosa das actrizes portuguezas, e a quem nós — profundos respeitadores do suffragio universal — apresentamos por isso sob a forma de Venus de Milo, que é a Venus tambem reconhecidamente mais formosa entre todas as outras — sem dependencia de suffragio.

## POR AHI...

O leitor que tiver o assentamento de baptismo lavrado por ecclesiastico contemporaneo d'aquelle que nos ministrou o sobredito sacramento; isto é, o leitor qua já não tem as aguas-furtadas faciaes isentas de pés de gullinha, os tecidos capillares immaculados de agua circassiana e o sitio denominado *das cruzeas* virgem de alfavaca de cobra; o leitor da nossa idade, em summa, hade necessariamente lembrar-se, como nós nos estamos lembrando agora, d'um episodio bastante commum, ha coisa de vinte annos, n'aquelles celebres dramas sentimentaes que nos forneciam pranto por avença, facultando-nos regar a platêa do theatro com lagrimas de meio quartilho.

O protagonista d'esses dramas era frequentemente um conde de linhagem muito antiga, cujo condado vinha lá de tão longe, de tão longe... que ninguem já sabia bem ao certo d'onde elle vinha — exactamente como está acontecendo com estes condes que ha pouco tempo começaram a borbular na folha official e que se tem multiplicado de maneira a assumir o aspecto grave d'uma brotoêja contagiosa...

O conde protagonista atravessava sempre, durante os primeiros actos do espectáculo, uma vida de deboche infernal, ampla de priapicos salcifrés no interior do seu solar e recheada de esperas de toiros na estrada de Carriche; até que um bello dia, ali pelas alturas do quarto acto, se encontrava positivamente sem vintem, chegando mesmo a empenhar na casa de prego do Mó o seu formoso gibão de setineta cor de canella, graciosamente enfeitado de galões doirados e amarelos—a passamaneria economica com que se alindavam então todos os senhores feudaes e se guarneceem hoje todos os caixões de pinho...

Chegado ao suprasummo da mais requintada pelintrice, o conde arruinado acabava fatalmente por cair nas unhas de qualquer famigerado Baptista d'Alcantara — que tambem entrava na peça — e o qual Baptista lhe emprestava sordidamente uns miseraveis patacos, com a condição porém de que o apelitrado conde lhe assignaria obrigação de cedencia de todos os seus bens, direitos e acções, incluindo a pelle do burro esparvonado que ainda se ficara nas cavallariças do solar e a herança hypothetica d'um tio minhoto que fóra a tentar fortuna nas terras de Santa Cruz.

O conde protagonista annuia immediatamente a todas as propostas do Baptista da peça e agarrava logo na obrigação, para a assignar de cruz — systema porque assignavam os condes d'aquelle tempo e continuam a assignar os condes de todas as datas.

Nesse momento porém surgia uma difficuldade que punha a negociata do Baptista em risco de malogro e os espectadores da plateia n'um fervidoiro d'anciedade: o doídivanas do conde não tinha tinteiro no seu solar da Normandia e o agiota do Baptista perdera o lapis no americano da Pampulha!!!

Então o conde, inspirado d'uma ideia seguramente luminosa, trepava sobre a cadeira de palhinha onde se haviam rompido os fundilhos dos seus antepassados, arrancava da panoplia solarenga um punhal de fina lamina — filho de Toledo e afiado de vespera nas officinas do Polycarpo — arregaçava a manga da camisa para não salpicar de sangue os punhos de celoloide, e, mergulhando o punhal no sangradoiro, como quem mette um aparo Gillot n'um tinteiro de loiça das Caldas, assignava com o proprio sangue o pregaminho da obrigação de divida, recebendo, em cambio de tão valorosa resolução, os applausos da plateia, juntamente com a patacaria do usurario!...

Mas deixem-nos meditar agora no proposito a que vem este longo incidente theatral, em que nos espriámos por forma a perder completamente a orientação da nossa chronica...

Ah! sim... agora nos recorda...

O caso do fidalgo que assignava com o proprio sangue azul, pelo motivo de não ter á mão nem uma gota de tinta preta, vem a proposito de nós estarmos escrevendo a presente chronica no peitilho da camisa, em razão da falta absoluta d'um caderno de papel almaço!...

A eleição por partidas dobradas que se realisou no ultimo domingo, eleição de formosura e eleição de deputados, uma que devia dar a palma á mais formosa filha de Eva, outra que devia trazer os loiros aos mais talentosos paes da patria; essa eleição duas vezes renhida, duas vezes disputada, acabou por consummir em listas de votação todo o papel de que se atulhavam os estabelecimentos de Lisboa bem como as fábricas de Thomar, do Tojal e da Abelheira!

A proposito da fome rapada pelos mineiros exploradores das minas da California, conta-se que um d'esses trabalhadores arrancára sofregamente das entranhas da terra um volume qualquer, que pouco depois verificava ser um bello pedaço de oiro puro, ao qual atirava fóra, resmungando muito contrariado:

— Ora adeus! e eu a julgar que era uma batata!

Pois com o caso das recentes eleições presenciamos á porta da freguezia um episodio semelhante.

Um eleitor qualquer preparava-se para confeccionar a sua lista, votando nas pessoas dos srs. Julio José Pires e Gabriel José Ramires, os dois Josés mais conhecidos d'este mundo, depois do celebrado José do Egypto, que deixou a vestia nas mãos da mulher de Putifar—como se ella, em logar da vestia do José, não preferisse antes o José da vestia...

O cleitor desejava pois votar n'aquelles dois Josés, mas a respeito de papel para fazer a lista não apparecia nem uma amostra!

Vasculhando em todas as algibeiras, lá conseguiu encontrar um bocado de papel, que era uma nota de cincoenta mil réis.

Deu-se uma scena semelhante á do mineiro da California: o eleitor atirou a nota para a sargeta, exclamando no cumulo do desespero:

— E eu muito contente da minha vida, suppondo que era uma folha de papel em branco!

Se por aqui ainda se não fizesse uma idéa do papel consumido n'aquellas eleições, bastaria então referir que os ultimos entusiastas da eleição femenina já não encontraram nem uma folha de papel velino na loja do Jasmim dos Verissimos Amigos e que os derradeiros apaixonados das eleições masculinas já não apanharam nem um resquicio de papel pardo no estabelecimento das cinco portas que olha para o largo de S. Carlos!...



Na eleição da mais formosa actriz nós resistimos heroicamente a quantos ardilosas artimanhas empregaram diferentes *candidatas* para nos subornar a consciencia.

Podemos assegurar aos nossos leitores que fomos d'uma incorruptibilidade ainda superior á do ferro Leras!

De balde a actriz \*\*\* nos convidou para uma opi- para ceia, com ostras cruas de entrada e veniaga com tangerinas á sobremesa.

Saboreámos todas as ostras, chegámos mesmo a provar dois gomos de tangerina, mas a respeito da veniaga não lhe tocámos nem com a pontinha do dedo *maminho!*

Debalde, tambem, a actriz ... nos quiz abiscoitar o voto, pelo processo mais trivialmente seguido, dando-nos a cheirar perto das narinas dilatadas um prato de juramentos do carneiro do seu affecto guisado com batatas!

Debalde, igualmente, a actriz \*\*\*\*\* nos quiz impingir uma lista, sob promessa solemne de nos collocar vantajosamente n'um emprego rendoso, vistoso, sem complicações de cabeça—e isento, ainda por cima, do pagamento dos respectivos direitos!

Debalde, finalmente, a actriz \*\*\*\*\* nos quiz convencer a que fossemos á urna por sua intenção, adocando-nos antecipadamente a bocca com uma caixinha de *bon-bons*, e promettendo-nos para depois da eleição um brinde, á nossa escolha, do bazar dos tres vintens!

E nós recusámos tudo isto!

Já a leitora vê que somos homem d'uma incorruptibilidade desconforme...



A grande maioria de votos obtida pelo governo nas ultimas eleições explica-se claramente pelos processos de que anticipadamente lançára mão o sr. ministro da fazenda—o unico ministro que sabe tanger os foles n'esta questão de levar o eleitor á urna.

Inspirado de certo no systema do americano *Logajales*, que faz o reclame vivo da sua industria, expondo os productos á vista do publico, o sr. ministro da fazenda resolveu adoptar o mesmo processo de propaganda, relativamente ao carneiro com batatas que tinha de distribuir-se por occasião das eleições.

Foi assim que, uma semana antes de se effectuar o suffragio universal, se apresentava no Coliseu dos Recreios um tal mr. Crowther—que, pela profusão de condecorações nos pareceu o sr. Hintze Ribeiro, mas que, pela figura elegante e *toilette* grave, se assemelha ainda mais a um alferes de caçadores.

O tal mr. Crowther—que não é afinal senão um cortador de talho das relações do sr. Marianno—passou toda a semana a cortar carneiros á vista do publico, no proposito evidente de patentear em claro a perfeição d'aquelles animaes, destinados a encher a pança a quem quizesse encher a urna de listas do governo.

O engenhoso expediente surtiu os effectos desejados, porque todos os espectadores que tinham visto o carneiro passado pela espada de mr. Crowther, o quizeram ver depois, passado pelo tacho do sr. ministro da fazenda...

E foi assim que os eleitores governamentais tiveram um movimento extraordinario, semelhante ao dos canivetes-balanças, emquanto o sr. Marianno de Carvalho gritava satisfeito do gabinete do ministerio da fazenda—que representava, no caso presente, a tipoiá do americano *Logajales*:

—ô... ô... ô... ô... ô... ô... ô... pum!!!

\* \*

Agora, assentava aqui, como noz moscada em almondegas de vitella, um longo capitulo encomiastico

que pozesse bem em relevo os altos merccimentos do sr. Mariano, como galopim eleitoral; mas vemo-nos obrigados, muito a pesar nosso, a adiar para mais tarde tão justa homenagem, visto como nos falta a materia prima onde possamos lavrar a preto as ideias brilhantissimas que nos estão cachoando nos intestinos craneanos...

Se o leitor não tem memoria de galo, deve estar ainda lembrado de que, á falta de papel almaço, estamos escrevendo esta chronica no peitilho da camisa.

Ora o peitilho vac cheio de caracteres desde o cós do colleirinho até á presilha que o ampara nas cerviças...

E nós não queremos de fórma alguma que um elogio a pessoas respeitaveis comece a estender-se pela fralda da camisa...

PAN-TARANTULA.



## CONTOS EM BRANCO

A secção encetada no nosso ultimo numero sob aquelle titulo, deu por certo no goto de muitos dos nossos constantes e inconstantes leitores, attenta a enormidade de interpretações do conto, que, durante a semana, foram entrando á formiga pelo escriptorio dos *Pontos nos ii*.

Ha duas horas que estamos banquetecendo o nosso espirito com a leitura de todas essas interpretações, mas o nosso espirito começa a resentir-se d'uma tal ou qual indisposição gastrica, não sabemos se promovida pelo volume de acipipes ingeridos, se pelo mal cosinhado da maior parte d'esses acipipes—sobretudo no que respeita á deficiencia de condimentos salinos...

Assim, pois, das interpretações recebidas citaremos apenas uma em verso, de *Zacharias Vavejeira*, que tem bastante graça; outra em prosa do nosso collega *A. Silva*, caricaturista do *Gharivari*, que está muito bem imaginada como interpretação politica; e outra enfim de *Pompilius*—poeta da sanfona.

É esta ultima que nos merece as honras da publicidade, não pela sua superioridade sobre as duas anteriores—fique sabendo o sr. *Pompilius*—mas porque, classificando todas tres em igualdade de merito, resolvemos resolver á sorte e a sorte tomou a resolução de resolver por *Pompilius*.

Pode pois solicitar na administração dos *Pontos nos ii* o brinde promettido, que é o volume do *Homem Primitivo*, luxuosamente encadernado (demos por elle bellos 4:000 réis) devendo justificar a sua identidade com a exhibição manuscrita do gracioso Mendonçacosta que encimava a sua poesia.

Eis o retrato de *Pompilius*, segundo o seu proprio croquis:



E eis os versos do referido *Pompilius*:

# ELEIÇÕES

A ETERNA CABRA-CEGA



RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

—Esperanças simples... promessas seccas...  
 que me cheira... e eu para estas coisas não me #  
 da! Vou-me antes ás realidades com batatas... Ahi  
 pelo tacto: governo-me pelo olphato.

Fazia um sol de rachar,  
Dardejando nas alturas;  
E um pachiderme a flunar,  
Sentiu, ó mana!... securas.

Acerca-se d'um regato,  
—Puro caldo de castanhas—  
Mette a tromba e sorve um jacto,  
Para dar um banho ás banhas.

Um *pae paulino*—que bôlho!  
Manda-lhe frecha certeira;  
E, f'rido perto d'um olho...  
Rompe o bruto em choradeira.

Mas em breve, enraivecido.  
Forte, fulo e furioso,  
Volta-se e corre perdido,  
Sobre o escarumba manhoso.

Agarra-o por uma orelha,  
Co'a curva tromba valente;  
E o *pae* gritava d'esguelha:  
—Rasga tudo mia gente!

Sem soltal-o da prisão,  
Como quem diz um segredo,  
O bruto levava então,  
O preto branco... de mêdo!

E chegando-se a um ribeiro,  
(Não o Augusto da marinha)  
Arroja o prisioneiro,  
N'agua que redemoinha.

E sobre a feroz dentola  
D'um vil jacaré immenso,  
*Pae sior blinca e ribola*,  
P'la tanga á tromba suspenso.

Depois, o mau pachiderme,  
Tira o pretinho do mólho,  
E quer pregal-a ao innerme,  
Mesmo na menina do olho.

N'este intento, quando o triste  
'stava de costas ás luzes,  
Carrapuz!—de tromba em riste,  
Injecta-lhe o bruto... as cruces.

E salta, lampeiro, a rir,  
De o vêr em breves instantes,  
Em fuga veloz, cair,  
Sobre cardos penetrantes.

Volta-lhe, após, os toicinhos,  
Saboreando a vingança;  
Deixando-o, qual porco espinhos,  
A *esfranguiar* n'uma dança.

#### MORALIDADE

N'isto a moral é choruda,  
Qual n'agua d'azete a bolha;  
«Ninguem deita s'mente aguda,  
Que fructo agudo não cólha.»

Seu e meu

*Pompilius*—poeta da sanfona.



## CASOS, TYPOS E COSTUMES

### NOVE MEZES

JANEIRO

Topou-a, Onofre,  
Co'a mãe, na Baixa,  
Botou, de chofre,  
Paixão de escacha!



FEVEREIRO

Um mez passado,  
Atam, lirós,  
O mais sagrado  
Dos varios nós.



MARÇO

Sempre em concilio,  
Qual mais se adora,  
Era um idilio  
A toda a hora.



ABRIL

Nas jantarcas  
—Que gentileza!—  
Davam beijocas  
Por sobrezeza...



MAIO

Passa-se o tempo  
E um mez depois  
Do passatempo  
Cansin-se os dois.



JUNHO

Ella bisonha,  
Elle de azia,  
—Ai que medonha  
Semsaboria!



JUOLH

De fleuma baldo.  
Pondo-se a prumo,  
Grita que o caldo  
Lhe sabe a fumo!



AGOSTO

Qual mais retoiga  
Nas scenas bravas,  
—É sempre a loiça  
Quem paga as favas...



SETEMBRO

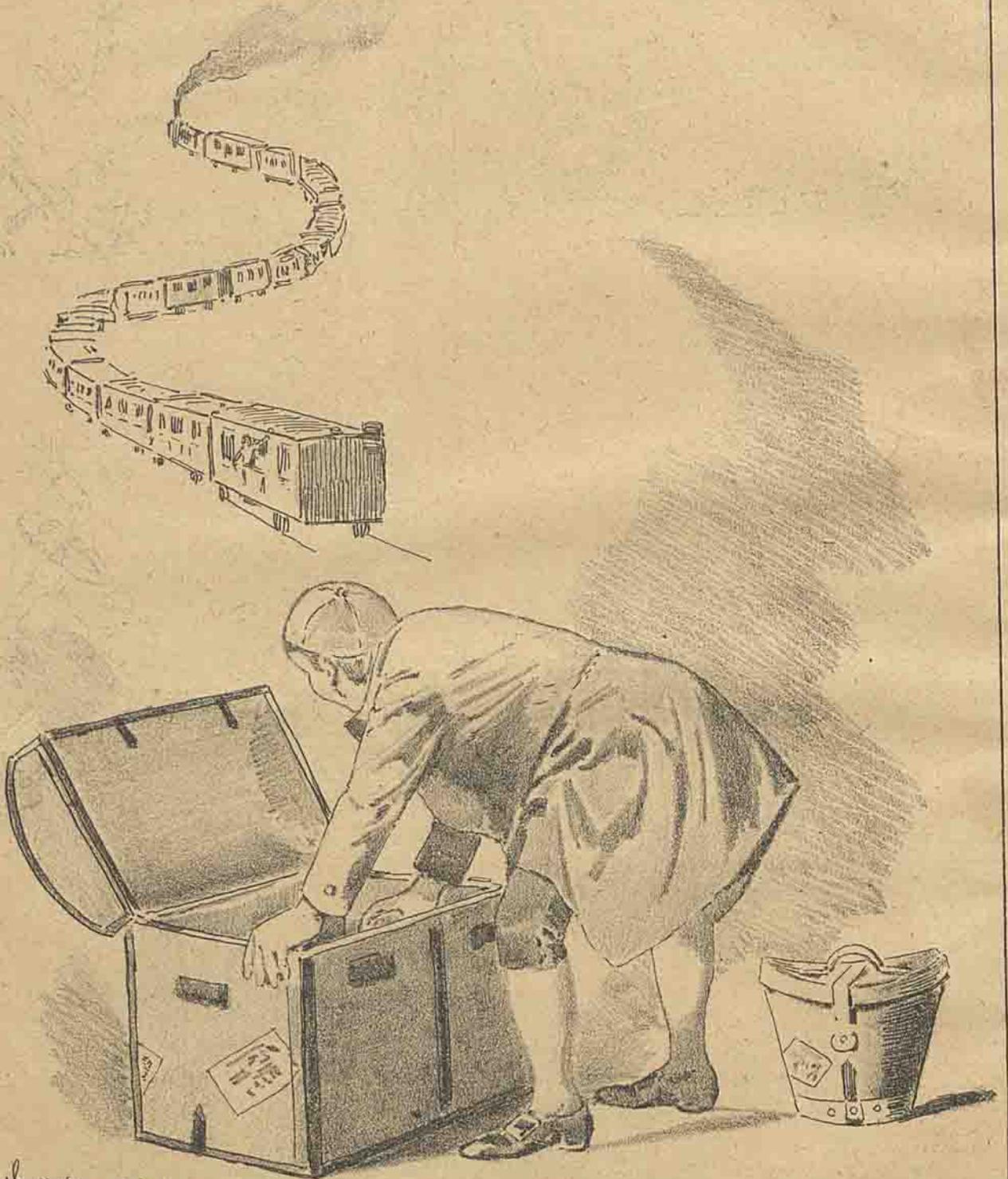
E dia a dia  
Lá vac crescendo  
Esta harmonia  
Que se está vendo...

PAN-TARANTULA.



M. Augusto Barreto 1887

## CASAMENTOS SIMULADOS



Nuno Bordallo Pinheiro

—Pelo caminho que vejo seguir ao outro, parece-me conveniente ir também arranjando as malas...